



E QUANDO AS DIFERENÇAS SUSTENTAM UMA EQUIPE FEMININA DE VOLEIBOL MÁSTER? UMA DISCUSSÃO SOBRE A HETEROGENEIDADE INTERNA EM UM ESPAÇO-TEMPO DE LAZER

Ariane Corrêa Pacheco

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma etnografia realizada com uma equipe feminina de voleibol máster da cidade de Porto Alegre/RS. A lógica cotidiana desse grupo de mulheres apresentava diferentes regularidades que pareciam sustentar aquela rede de sociabilidade. No entanto, neste trabalho a proposta será construir uma discussão sobre os diferentes significados que coexistiam dentro desse mesmo contexto e quais sentidos permaneciam em constante tensão. Nesse debate percebo que a ideia de heterogeneidade interna, marcada por diferentes significações de esporte e lazer, também estava relacionada à sustentação daquela equipe e permanecia no grupo que ‘sabia’ negociar determinados códigos.

PALAVRAS-CHAVE: Lazer; Esporte; Heterogeneidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma etnografia¹ realizada com uma equipe máster feminina de voleibol da cidade de Porto Alegre/RS. Durante a pesquisa, e nas reflexões que ainda permanecem em pauta, procurei compreender a dinâmica de relações que sustentava aquele um grupo de mulheres e como determinadas negociações cotidianas faziam parte da consolidação daquela equipe nos campeonatos da Liga Máster Feminina de Voleibol.

As observações na equipe e nessa Liga, as quais foram sempre participantes e acompanhadas dos registros em diários de campo, aconteceram no decorrer de treze meses de convivência sistemática. O grupo era formado por aproximadamente 15 mulheres, com idades entre os 32 e 65 anos, que negociavam em suas rotinas particulares a permanência em um espaço/tempo que era reconhecido como ‘de lazer’. Essa delimitação etária estava diretamente relacionada com a participação do grupo na Liga, pois no regulamento que regia as

¹ A pesquisa foi orientada por uma maneira de pensar a etnografia que a compreende como uma “ciência, por excelência, do concreto” (FONSECA, 1999, p.59). É nesse sentido que a densidade dos trabalhos campo de Geertz (1989), Foote-White (1980), Winkin (1998), Cardoso de Oliveira (2006), além de outros que produziram etnografias numa linha interpretativa, foram basilares para conduzir a pesquisa com o grupo de mulheres e no contexto da Liga Máster Feminina de Voleibol (PACHECO, 2012).



competições estava postulado que havia uma idade mínima de 32 anos para participar das equipes. Cabe destacar que a Liga era uma organização independente e articulada por 12 equipes de diferentes cidades do Rio Grande do Sul, especialmente da capital gaúcha, região metropolitana, Lajeado e Caxias do Sul.

A pesquisa com a equipe Moinhos vem proporcionando sistemáticas reflexões sobre a compreensão de um espaço e tempo ‘de lazer’ que estava entrelaçado com adjetivações ligadas à ideia de lúdico, de brincadeira e de descompromisso, enquanto também envolvia uma ideia de seriedade, de comprometimento e de saberes específicos que sustentavam aquele grupo de mulheres enquanto uma equipe. Além dessas discussões que transpassam definições de lazer², o estudo esteve orientado por um olhar para o esporte a partir da noção de heterogeneidade (ELIAS; DUNNING, 1992, PADIGLIONE, 1995, STIGGER, 2002).

Considerando a esteira desses debates – lazer e esporte – este trabalho tem como objetivo construir uma discussão sobre a heterogeneidade interna que também se evidenciou na lógica cotidiana da equipe. Sendo assim, em conjunto com a análise de diferentes práticas vivenciadas em espaços e tempos reconhecidos como ‘de lazer’, neste trabalho procurarei chamar a atenção para as diferentes significações que conviviam nesses mesmos contextos.

De certa forma, as diferenças internas já foram apontadas no trabalho de Stigger (2002), especialmente quando dois jogadores de um dos grupos pesquisados na cidade do Porto/Portugal apontam que diferentes sentidos para a prática do voleibol também ‘estavam em quadra’. Foi essa negociação que ofereceu pistas para pensar que além das regularidades que marcam e demarcam a particularidade de determinados contextos simbólicos, os diferentes sentidos também faziam parte daquele grupo de mulheres e coexistiam na lógica cotidiana do grupo. Para essa discussão, apresentarei a rotina do grupo separada em dois momentos: inicialmente mostrarei uma análise sobre os dias de treinamento, de jogos e de campeonatos nos quais aparecem diferentes nuances de uma heterogeneidade interna e, posteriormente, passarei aos encontros para os jantares e festas do grupo.

UMA ROTINA NAS QUADRAS SUSTENTADA POR DIFERENÇAS

² No que se refere ao diálogo com conceituações para o lazer, Pacheco (2012) dialoga especialmente com Dumazedier (2008), Marcellino (2002; 2008), Gomes (2004) e Stebbins (2008).



Na equipe Moinhos³ treinava-se toda a semana. Nas segundas e quintas, uma das quadras do Centro Estadual de Treinamento Esportivo⁴ (CETE) estava reservada, durante duas horas, para os treinos da equipe. Não era necessário pagar pelo espaço aonde aconteciam os treinos, mas ele precisava oferecer o que o grupo considerava como ‘boas condições para treinar’⁵. Um local de fácil acesso e que na sua estrutura continha determinados símbolos do voleibol institucionalizado, somados aos materiais ‘oficializados’ dentro desse ‘campo esportivo’⁶ utilizados para os treinamentos, eram significativos para que essas duas horas, na terça e quinta, tivessem as condições para tornarem-se um ‘bom treino’.

Para a realização dos treinamentos e para a condução da equipe nos jogos, a afirmação de que o grupo ‘precisava de um treinador’ era recorrente. Com o dinheiro da ‘caixinha’⁷ eram pagas as despesas com um profissional cujo reconhecimento no campo do voleibol e/ou na Liga deveria estar de acordo com o que a equipe desejava e se disponibilizava a pagar. Sendo assim, o professor estava encarregado de propor as atividades, ou, pelo menos, o que lhe era possível fazer em meio às negociações entre ele e elas.

Nos dias de treino, era preciso considerar que as conversas na lateral da quadra ou o ‘cafezinho no bar do Álvaro’ também estavam na rotina e tinham seu tempo reservado. Somente após esse primeiro momento, dava-se início aos exercícios que são comuns à lógica de aquecimento padronizada em jogos de voleibol: aquecimento articular e bate bola em duplas, aquecimento de rede e saque. Nessa sequência o treinador pouco interferia, raramente realizava mudanças e quando ele decidia por fazê-las, geralmente as alterações estavam acompanhadas de algumas explicações. Após essa sequência inicial, começavam os exercícios técnicos e táticos, organizados pelo treinador com, geralmente, dez pessoas.

³ Utilizo pseudônimos para as equipes e pessoas citadas no trabalho.

⁴ Este espaço estava vinculado à Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul (FUNDERGS).

⁵ O ginásio contava com uma quadra de tábua corrida, nas medidas oficializadas pela Confederação Brasileira de Voleibol, antenas disponíveis para delimitar o espaço de jogo sobre a rede, facilidade de acesso e estacionamento garantido em todos os dias de treino. No decorrer do trabalho de campo não houve iniciativa em trocar de ginásio, apesar das constantes reclamações sobre a iluminação.

⁶ Noção trabalhada em profundidade por Bourdieu (1984).

⁷ A “caixinha” funcionava como uma espécie de conta da equipe. Cada uma das mulheres ‘depositava’ uma mensalidade de 50 reais, estipulada no início do ano em que foi realizado o trabalho de campo. Manter uma “caixinha” era uma das referências que demonstrava a organização da equipe e a ‘tesoureira’ assumia uma posição particular dentro do grupo.



Inicialmente, identificava o máster como uma categoria precisamente delimitada por marcadores cronológicos, capazes de definir participações e estabelecer/garantir uma igualdade de condições para competir entre “veteranos(as)”⁸. No entanto, embora existisse o limite mínimo de 32 anos, esses contornos deixavam de ser sólidos o quanto pareciam e a igualdade de condições para competir, objetivada por uma regra, era tensionada no dia a dia do Moinhos e da Liga.

Na equipe era possível encontrar mulheres com 32 anos ‘em quadra’, assim como duas jogadoras continuavam a fazer parte do grupo aos 64 anos. Ao mesmo tempo em que a categoria máster é definida pela arbitrariedade das faixas etárias, a idade pouco representava em seus valores numéricos, seu significado estava ligado à necessidade de pensar ou não na ‘renovação’ do grupo e isto acontecia conforme o seu desempenho nos jogos da Liga e as suas particularidades ao receber outras jogadoras.

As diferenças entre as idades ressaltavam as marcas de uma heterogeneidade interna, o que estava na contramão da homogeneização procedente da definição de máster⁹. No que se refere à trajetória no esporte, os contrastes também vinham à tona. Uma das jogadoras fez parte de equipes profissionais de handebol, outra começou a jogar voleibol aos 30 anos, algumas jogaram voleibol na escola ou em clubes da cidade de Porto Alegre e outras participavam de diferentes modalidades em suas rotinas esportivas para além do grupo. Estas diferenciações também eram basilares para as negociações entre os significados e para a sustentação da equipe.

Cada uma das mulheres que formavam a equipe Moinhos possuía um lugar¹⁰ na dinâmica do grupo e estes, por sua vez, dialogavam também com as posições e ações do treinador. No que se refere ao treinador, havia certa tolerância dele ‘para as brincadeiras’ e, ao

⁸ Ao fazer referência à proposta de estabelecer uma igualdade para competir entre “veteranas” estou me referindo às particularidades do esporte moderno discutidas por Guttmann (1978). No que se refere a essa característica, o autor coloca que “todos devem, teoricamente, ter oportunidade de competir” e “as condições para a competição devem ser iguais para todos os competidores” (GUTTMANN, 1978, p. 26, tradução nossa).

⁹ A pesquisa não teve como objetivo construir uma definição sobre a categoria máster, mas procurei debater com trabalhos que procuraram estabelecer estas fronteiras ou construir diálogos com as diferenças de idades que pautavam a formação de grupos. Nesse sentido, dialoguei com o trabalho de Devide e Votre (2000), Lazzoli et. al. (2001) e Andréia Alves (2006).

¹⁰ Os ‘lugares’ em que elas se posicionavam diante das decisões do grupo e o status de cada uma delas eram sustentados através do tempo de permanência no grupo, maior ou menos proximidade das relações sociais, trajetória dentro do esporte e através da noção de rendimento durante os treinos e campeonatos (PACHECO, 2012).



mesmo tempo, exigências de “seriedade na hora do trabalho” (DC¹¹, 30/09/2010) como, por exemplo, falas que expressavam que “tem que ganhar!” (DC, 30/09/2010) ou que “cometer um erro feio e começar a rir dele na véspera de campeonato é, no mínimo, incoerente” (DC, 21/03/2011). No entanto, também pertenciam à equipe mulheres que “pouco se importam com a vitória, para outras os placares dos jogos não são lembrados e, inclusive, não comentam sobre as partidas, mas algumas se mostram recorrentemente atentas a essas informações” (DC, 28/10/2010). Dentre elas, frases como “Tá! Não pode mais rir agora?” (DC, 06/06/2011) ou conduções do treino através de posturas de desinteresse expressadas em “braços cruzados e diminuindo o número de vezes em que se disponibilizava a realizar a atividade proposta” (DC, 23/05/2011) e até mesmo numa fala no ouvido do treinador dizendo que “é melhor acabar porque isso é só para dar confusão” (09/06/2011), negociavam para que o ‘bom treino’ fosse ‘bem dinâmico’.

Nos dias de treino se construía regularidades sobre as quais se tornavam evidentes os comportamentos esperados de uma jogadora do Moinhos. Sob um ponto de vista, o da competição, ‘saber jogar bem’ era quesito que ganhava destaque quando se buscava determinados resultados. No entanto, este saber pouco se relacionava com a utilização das técnicas do voleibol capazes de converter uma ação em pontos para a equipe. ‘Saber jogar’ era conseguir estabelecer disputas acirradas nos jogos e, além disso, possuir um capital esportivo¹² capaz de sustentar-se diante de quem já estava no grupo. Ao término de um dia de treino, após uma longa discussão, Bianca acabou se retirando do ginásio e não retornou aos encontros da equipe. Após a sua saída, algumas falas ofereceram pistas para pensar como a noção de rendimento acabava definindo a participação de algumas pessoas:

¹¹ Diário de campo.

¹² Pensar na lógica de capitais dentro da perspectiva de Bourdieu (1996), seria compreender essa noção como recursos para a diferenciação entre as pessoas, os quais são capazes de posicionar e legitimar aqueles que o possuem dentro de determinado espaço social. Considerando que o capital simbólico pode revestir-se em outras espécies de capitais específicos, passamos a utilizar a noção de capital esportivo para pensar nas relações sociais na equipe e na Liga. Cabe considerar que as discussões em torno da lógica dos capitais de Bourdieu (1996) são construídas em relação ao conceito de campo. Para o autor o espaço social é constituído por múltiplos campos, cada um com sua autonomia relativa, cujas estruturas estão baseadas na relação de força entre os agentes ou instituições envolvidas (BOURDIEU, 1984). Nesse sentido, o que caracteriza um campo são as disputas de poder e o capital específico que está em jogo (econômico, social, cultura, simbólico). Na pesquisa a noção de campo ficou à margem das discussões, não tive a intenção de utilizar esse conceito para o enquadramento da equipe ou da Liga, mas passei a pensar com a ideia de capitais simbólicos para ajudar no debate sobre as legitimações dentro daqueles contextos.

[Após uma discussão intensa entre todas, na qual Bianca acabou se retirando ao final da conversa] Ana se posiciona dizendo: “só pode vir jogar quem tem nível, não pode ser qualquer um para aceitar a vir jogar. A partir de agora não entra mais ninguém, não dá para ficar se preocupando com essas coisas, já temos muitos problemas”. Em seguida, escutei Leila falando para um pequeno grupo: “eu avisei que isso iria acontecer, decidimos pedir para ela se retirar e ninguém falou, agora deu nisso, não dá, ela atrapalha o treino” (DC, 16/11/2010).

A experiência de Bianca no vôlei se diferenciava do restante do grupo e naquela situação a sustentou dentro da equipe. De uma maneira diferente, Duda também falava sobre sua dificuldade de adaptação à equipe, mesmo apresentando outros recursos relacionados ao voleibol. Duda se expressava dizendo que não conseguia “jogar nessa calma” (DC, 11/12/2011) e não se sentia confortável com a maneira de jogar da equipe: “eu não consigo me soltar, não sei jogar assim” (DC, 24/09/2011). Nos anos seguintes Duda deixou o grupo, mesmo seu capital esportivo sendo reconhecido por algumas pessoas. Durante os treinos era recorrente a utilização da frase ‘boleira aqui não’ para sustentar a ideia de que havia uma maneira particular de jogar o voleibol e que Duda precisava apreendê-la.

Cabe destacar que as regularidades que sustentavam aquela rede de sociabilidade estavam encharcadas de negociações. O ‘saber fazer’ entrava em cena na hora de construir as disputas acirradas nos jogos da Liga e no decorrer dos treinos. No entanto, esta noção poderia tornar-se periférica ao colidir com ‘outros saberes’ que também faziam parte deste contexto. Deixo aqui uma pista sobre outros comportamentos e ações eram capazes de colocar em tensão a própria noção de rendimento construída naquele grupo e naquele campeonato.

A noção de rendimento, em certa medida, vem atravessando algumas pesquisas que procuraram compreender o esporte como escolha e prática sistemática num espaço/tempo reconhecido como de lazer. No trabalho de Stigger (1997) essa questão fez parte das análises sobre o esporte e o lazer no Parque da Redenção e no Parque Ararigbóia, realizadas a partir do ‘movimentos dos veteranos de futebol’. Nesses dois espaços públicos da cidade de Porto Alegre-RS foram acompanhados, principalmente, dois grupos de veteranos que se reuniam aos sábados em torno do futebol. São os contrastes que ajudam a compreender a maneira particular em que se vivenciava o futebol nesses contextos, era no Ararigbóia que a produtividade nos jogos e a importância dada aos resultados das partidas ganhavam destaque ao definir o pertencimento dos integrantes no grupo.



Este olhar para o jogo e para a noção de rendimento foi central no trabalho de Myskiw, Pacheco e Freitas (2011), no qual as discussões estavam relacionadas ao Campeonato de Verão da Liga do Ararigbóia, na categoria veteranos, vinculado às Ligas de Futebol Amador e à Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer da cidade de Porto Alegre/RS. Esta competição era reconhecida no contexto do futebol de várzea como um espaço de ‘bom futebol’, que reunia ‘bons jogadores e times’ de diferentes locais da cidade ou da região metropolitana. Saindo do futebol e entrando no universo dos corredores de rua, o trabalho do Saulo Oliveira (2010) se dedicou em mostrar como o envolvimento com o esporte estava entrelaçado às questões sobre o envelhecimento de homens acima dos 40 anos. Entre os “loucos por corrida”¹³ (OLIVEIRA, 2010, p. 56) os sentidos para as práticas estavam relacionados com a noção de resultado, do treinamento árduo e ao desenvolvimento na própria corrida.

Na prática competitiva da natação máster estudada por Devidé e Votré (2000, p. 59), entre os dez veteranos entrevistados nesta etnografia, as noções de disputa nas provas e a “busca pela excelência”, mesmo que de forma heterogênea, fizeram parte das falas e, sendo assim, a noção de rendimento também era significativa naquele espaço/tempo de lazer. As discussões que, por vezes, se constroem através de pistas deixadas por diferentes pesquisas, oferecem a possibilidade de compreender que a noção de rendimento no esporte também esta dentre as práticas cotidianas de lazer, vivenciadas no cotidiano de ‘pessoas comuns’. No entanto, é preciso considerar que a rendimento, enquanto um significante, dialogava com outros contextos, grupos, trajetórias e com diferentes cotidianos que conviviam na complexidade¹⁴ e singularidade de cada grupo.

Assim como procuro destacar essa noção entre os trabalhos, Stigger (2002), a partir do estudo etnográfico realizado na cidade do Porto/Portugal, conviveu com três grupos diferentes que se encontravam nos finais de semana, dois em função do futebol – Caídos da Praia e

¹³ Entre as explicações do autor, no ‘mundo dos rustiqueiro’, ser considerado louco pode ser mais um dos sinais de pertencimento, embora não tenha apenas esse sentido, pois pode identificar alguém que não segue os padrões esperados dentro do grupo ou, até mesmo, um corredor que consegue transcender aos padrões de rendimento esportivo de seu contexto (OLIVEIRA, 2010).

¹⁴ Ao fazer referência à noção de complexidade, estamos nos colocando, em maior amplitude, sob a ideia de uma sociedade complexa definida por Gilberto Velho (2008). É a partir dessa forma de compreender a vida cotidiana que os grupos, mesmo que aparentemente isolados, fazem parte de um sistema mais amplo em termos econômicos, políticos e culturais. Sendo assim, o desafio é justamente encontrar experiências suficientemente significativas ao ponto de criar determinadas fronteiras simbólicas (VELHO, 2008).



Anônimos – e o outro para jogar voleibol – Grupo do Castelo –, mostrou entre os debates que a ideia de rendimento poderia ser significada de diferentes maneiras. Nesta pesquisa, Stigger (2002) tensiona a forma de pensar o esporte sob uma configuração institucional, homogênea e que o coloca como elemento da cultura que responde e o reproduz as determinações de uma estrutura social e passa a se dedicar em compreendê-lo a partir de sua diversidade. No trabalho de Stigger (2002) o esporte foi analisado como elemento da cultura que de diferentes maneiras fazia parte do cotidiano das pessoas e dos grupos com os quais conviveu.

No que se refere às diferenças internas apresentadas no trabalho do autor, foi no Grupo do Castelo que uma discussão entre dois jogadores - Mário e Marinho - evidenciou que no próprio grupo conviviam significados diferentes para o resultado das partidas. Foi no decorrer de um jogo que Mário cometeu um erro e, prontamente, foi cobrado por Marinho com a seguinte frase: “eu quero ganhar”, na sequência da conversa, Mario responde: “e eu quero brincar” (STIGGER, 2002, p.71). Esses contrastes e as negociações para as vitórias e derrotas também faziam parte do cotidiano do Moinhos.

Assim como a noção de rendimento esportivo estava recorrentemente em tensão, foi uma sequência de derrotas da equipe no ano de 2011 que fez Rafaela pensar sobre a sua continuidade no grupo, além das dores que sentia após cada dia de treino e de jogos; de uma maneira diferente, Ana, por vezes, colocava o ‘voleibol’ no lugar de ‘pretexto’, não pensava em sair da equipe depois de derrotas, apesar de afirmar durante as entrevistas que era “muito competitiva” (ANA, 2012). Além disso, Ana se preocupava nos treinamentos com seu rendimento e o das outras mulheres, participava das escolhas de um ‘bom treinador’ e exigia das levantadoras um desempenho que também a permitisse ficar satisfeita com o seu; esses posicionamentos não impediam que Maria usasse como argumento para convencer Daiane a entrar para a equipe tenha sido esse: “você quer jogar num time para se divertir? Sem aquela cobrança de ter que ganhar? Sem stress? Então vai para o Moinhos!” (DC, 24/09/2011).

Além dessas diferenças sobre o significado dos resultados dos jogos, as definições de ‘bom treino’, ‘bom treinador’, ‘bom jogo’ era uma constante negociação sustentada por diferentes idades, trajetórias, lugares e significados que conviviam no cotidiano do grupo e se estendiam para a construção da rotina de cada uma daquelas mulheres. Ao mostrar esta lógica de treinamentos e jogos, procurei colocar em destaque as regularidades que sustentavam o Moinhos ao longo dos anos, mas sem deixar de lado que estas mesmas noções estavam em



tensões ligadas a uma heterogeneidade interna. Esta mesma complexidade que construía os dias ‘em quadra’ também faziam parte dos encontros ‘fora dos ginásios’.

AS NEGOCIAÇÕES SAEM DA QUADRA E ENTRAM NAS FESTAS

Após o treino das quintas feiras, estavam agendados os encontros nos quais além da comida e da cerveja, geralmente falava-se da rotina diária de cada uma das mulheres, do trabalho, das famílias, de esporte, dos jogos da dupla Gre-Nal¹⁵ e, por vezes, falava-se até dos jogos e treinos da equipe. Nas ‘jantas de quinta’ foi possível entrar em contato com pessoas que não estavam nos treinos, mas que, através da proximidade com as jogadoras que encontrava em quadra, acabei percebendo que também pertenciam ao grupo. Nesse sentido, comecei a entender que não fazer parte dos treinos, não estar participando ‘efetivamente’ dos jogos, nem sempre determinava o pertencimento à equipe.

Raramente Suzana e Patrícia participavam dos treinamentos e jogos. Afastadas das quadras por motivos legítimos dentro do grupo - uma por compromissos profissionais e a outra por lesões graves que a impedia de seguir jogando voleibol - nos jantares mostravam que conheciam o dia a dia do Moinhos, faziam parte das histórias e opinavam sobre as decisões e acontecimentos. Se, por um lado, havia questões que envolviam um ‘saber fazer’ durante os jogos, por outro, não estava excluída a possibilidade de construir-se formas de participação que não eram menos ‘efetivas’, mas relacionadas a outras maneiras de pensar o esporte e que conviviam dentro da equipe e da Liga.

Na rede de relações que sustentava o grupo, um de seus nós, possivelmente o central, pode ser representado como o ‘núcleo’ da equipe. Esta expressão emergiu do campo e ajudou a compreender que algumas pessoas dentro do grupo compartilhavam de determinados códigos no que refere ao jogo e às relações sociais para além das quadras. Na particularidade do núcleo, a relação entre essas mulheres ultrapassava os momentos de quadra e a rede de sociabilidade prolongava-se para o cotidiano. Ana definiu na entrevista que “existe algo maior entre o núcleo dessa equipe, não digo sobre as pessoas que entraram recentemente, que não tem isso, talvez nunca venham a ter, mas é essa coisa da amizade, do social” (ANA, 2012). Cabe lembrar que, conforme mostrei no tópico anterior, Ana também se preocupava com os jogos e que era ‘muito competitiva’.

¹⁵ Disputas entre dois clubes de futebol da capital gaúcha (Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional).



Os contornos do ‘núcleo’ dentro da equipe não se tornaram precisos durante o trabalho de campo. Não havia distinções claras, impedimentos ou expressões que definissem ‘quem era’ ou ‘quem não era’ parte desse pequeno grupo, mas eram sempre as mesmas mulheres que se afirmavam pertencentes a ele e, especialmente, valorizavam a continuidade dos jantares de quinta após o treino e as derrotas não pareciam estar relacionadas à permanência na equipe. Estes encontros eram representativos na dinâmica do grupo, para a sua continuidade e eram eles que sustentavam a noção de que o voleibol era ‘só um pretexto’ para aquelas mulheres se reunirem.

Dentre os encontros fora das quadras, havia também uma festa realizada na etapa final dos campeonatos da Liga. Esse era um espaço de convivência entre mulheres de diferentes grupos e, particularmente, um momento em que se encontravam todas as jogadoras do Moinhos em um espaço festivo. Cabe ressaltar que, além dos jantares e festas agendadas, as mulheres se dirigiam ao bar dos ginásios após o último jogo de sua equipe e esses encontros, por vezes, se estendiam para a casa de alguma delas. Nas viagens da equipe, o quarto de uma das jogadoras se tornava o ‘local da reunião’, um momento também de trocas, de conversas e, principalmente, reconhecido pelas relações jocosas.

Ao mostrar a ‘rotina das quadras’ descrevi uma série de regularidades que ofereceram maneiras de compreender traços que definiam simbolicamente aquele grupo. No entanto, salientei também que essas definições estavam em constante negociação nesse mesmo contexto. As sobreposições se tornaram claras ao perceber que noções como o rendimento esportivo, sobre os compromissos e exigências não excluía as brincadeiras e a noção de ‘pretexto’ dos jogos e treinamentos. Nesse sentido, podemos dizer também que nos jantares, festas e comemorações os assuntos ‘mais sérios’ e os compromissos de frequentar esses locais também se tornavam pauta das conversas.

Os diferentes significados para o esporte quando praticado no lazer também fazem parte de uma análise conceitual proposta por González (2007)¹⁶. Ao estabelecer uma relação entre o esporte como prática de lazer e a sociabilidade que o envolve, González (2007) propõe uma linha contínua de interpretação e dedica-se a análise dos seus dois extremos. Nessa polarização, de um lado, o autor desenvolveu a ideia de viver o esporte tendo como orientação

¹⁶ O trabalho de González (2007) explora diferentes formas de compreender a noção de sociabilidade e oferece uma análise do esporte quando praticado no lazer especialmente em relação ao conceito de socição e sociabilidade que encontramos na proposta de George Simmel (1983).



a busca pelo resultado, próximo à noção de trabalho. No que se refere aos resultados, não necessariamente eles estariam ligados ao retorno financeiro, à conquista de medalhas e troféus, mas também aos ganhos simbólicos, como prestígio e reconhecimento. No outro extremo desse *continuum*, o esporte estaria ligado à brincadeira, encontrando-se numa dimensão de ‘pretexto’.

A análise polarizada de González (2007) ajudou a pensar sobre o que encontrei na Liga e, particularmente, na equipe Moinhos. Naquele contexto, os extremos desse *continuum* acabavam fazendo parte de todos os momentos em que convivi com o grupo, pois, assim como era possível encontrá-las na busca de resultados e desempenhos, a brincadeira e o ‘pretexto’ também poderiam tornar-se evidentes naquele espaço/tempo reconhecido como ‘de lazer’.

Essa discussão que permeia o conceito de sociabilidade, especialmente ligada às práticas esportivas situadas no lazer, contribui para compreender que a interação entre essas mulheres fazia parte de uma sólida rede de relações na qual as pessoas ‘sabiam’ negociar os códigos que estavam estabelecidos na lógica do grupo e aqueles que permaneciam em constante negociação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho busquei mostrar que a lógica cotidiana de uma equipe feminina de voleibol máster era marcada por algumas regularidades que permitiam compreender as particularidades daquele contexto. No entanto, procurei oferecer certo destaque para uma heterogeneidade interna, marcada por diferentes significações para o esporte e para o lazer, que também estava relacionada à sustentação daquele mesmo espaço e tempo.

A ‘rotina das quadras’ e os encontros fora ‘dessas linhas’ eram encharcados de adjetivações que da mesma maneira que estavam ligadas a questões sérias, também resguardavam sentidos de liberdade de escolha e ludicidade. Tais noções só se tornam paradoxais, excludentes ou polarizados quando estabelecemos contornos *a priori* para a maneira de compreender como as pessoas se envolvem em suas vivências ‘no lazer’. Diferentes significados, não só eram compartilhados, como também eram negociados dentre as relações do dia a dia entre mulheres que escolhiam colocar o grupo e a Liga entre os seus compromissos e procuravam maneiras de sustentar aquele espaço/tempo em seus cotidianos.



AND WHEN DIFFERENCES SUSTAIN A MASTER FEMALE VOLLEYBALL TEAM? A
DISCUSSION ON THE INTERNAL HETEROGENEITY IN A SPACE-TIME OF

LEISURE

ABSTRACT

This study is a cutout of an ethnography conducted with a master female volleyball team from the city of Porto Alegre/RS. The daily logic of this group of women had different regularities that seemed to support the network of sociability. However, in this text the proposal to build a discussion on the different meanings that coexisted within the same context and which senses remained in constant tension. In this debate I understand that the idea of internal heterogeneity, marked by different meanings of sport and leisure activities, were also related to sustaining that team and remained in the group that 'knew' negotiate certain codes.

KEYWORDS: *Leisure; Sport; Internal heterogeneity.*

¿CUANDO LAS DIFERENCIAS MANTENEN UN EQUIPO DE VOLEIBOL FEMENINO
MASTERS? UNA DISCUSIÓN SOBRE LA HETEROGENEIDAD INTERNA EN UN
ESPACIO-TIEMPO DE OCIO

RESUMEN

Este trabajo es un recorte de una etnografía realizada con un equipo de voleibol femenino maestros de la ciudad de Porto Alegre/RS. La lógica del grupo diario de las mujeres tiene diferentes regularidades que les parecen apoyar la red de sociabilidad. Sin embargo, en este trabajo, la propuesta es construir un debate sobre los distintos significados que coexisten en el mismo contexto, y que detecta se mantuvo en constante tensión. En este debate, entiendo que la idea de heterogeneidad interna, marcado por distintos significados de las actividades deportivas y de ocio, también están relacionados con mantener ese equipo y se mantuvo en el grupo que "sabía" negociar ciertos códigos.

PALABRAS CLAVES: *Ocio; Deporte; Heterogeneidad interna.*

REFERÊNCIAS

ALVES, A. M. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, M. M. L. (org.) *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

BOURDIEU, P. Como se pode ser desportista?. In: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

_____. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: BOURDIEU, P. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: Papirus, 1996.



- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (org.). *O trabalho do antropólogo*. 2ªed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2006.
- DEVIDE, F. P.; VOTRE, S. J. A representação social de nadadores masters sobre a sua prática competitiva da natação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 56-64, janeiro/maio, 2000.
- DUMAZEDIER, J. *Lazer e cultura popular*. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.10, p.58-78, jan/abril, 1999.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- GEERTZ. C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- GOMES, C. L. Lazer - concepções. In: GOMES, C. L. (org.) *Dicionário Crítico do Lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- GONZÁLEZ, F. J. Sociabilidades e práticas corporais: leituras de uma relação. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J.; SILVEIRA, R. *O esporte na Cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades em espaços urbanos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- GUTTMANN, A. *From ritual to Record: the nature of modern sports*. New York: Columbia University Press, 1978.
- LAZZOLI, J. K. et al. I Consenso de Petrópolis: Posicionamento Oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte sobre esporte Competitivo em Indivíduos acima de 35 anos. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, Rio de Janeiro, v.7, n.3, p.83-92, mai./jun., 2001.
- MARCELLINO, N. C. *Estudos do Lazer: uma introdução*. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. 13 ed. Campinas: Papyrus, 2008.
- MYSKIW, M; PACHECO, A. C.; FREITAS, "Jogo pegado, é assim que tem que ser": estudo sobre a seriedade do lazer numa rede de sociabilidade masculina. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2011, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, 2011.



- OLIVEIRA, S. N. *Lazer Sério e Envelhecimento: loucos por corrida*. 2010. 101 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2010.
- PACHECO, A. C. “*É lazer, tudo bem, mas é sério*”: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2012.
- PADIGLIONE, V. Diversidad y pluralidade en el escenario deportivo. *Apunts: Educación física y deportes*, Barcelona, n. 41, p. 30-35, 1995.
- SIMMEL, G. *Sociologia*. In: MORAES FILHO E.(org.) George Simmel: sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- STEBBINS, R. A. *Serious Leisure: a perspective for our time*. New Jersey: Transaction, 2008.
- STIGGER, M. P. Futebol de Veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. *Movimento*, Porto Alegre, a.4, n.7, 1997.
- STIGGER, M. P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- WINKIN, Y. Descer ao campo. In: WINKIN, Y. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papirus, 1998.